



Itabuna

História e Estórias





Adriana Dantas Andrade-Breust

Itabuna

História e Estórias

Ilhéus-Bahia
2003



© 2003 by ADRIANA DANTAS ANDRADE-BREUST

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126
http://www.uesc.br e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA
MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS
MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRÁFICO E CAPA
ALENCAR JÚNIOR

FOTO DA CAPA
GERALDO BORGES

CONSELHO EDITORIAL:

DÁRIO AHNERT
DORIVAL DE FREITAS
ERONILDA MARIA GÓIS DE CARVALHO
FRANCOLINO NETO
JANE KÁTIA BADARÓ VOISIN
LURDES BERTOL ROCHA
MARIA DA CONCEIÇÃO FILGUEIRAS DE ARAÚJO
MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES
MOEMA BADARÓ CARTIBANI MIDLEJ
PATRÍCIA DA COSTA PINA
PAULO DOS SANTOS TERRA
REINALDO DA SILVA GRAMACHO
ROSANA LOPES
RUY LORDÃO NETO

EQUIPE EDITUS

COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS;
DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR;
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN;
REVISÃO: MARIA LUIZA NORA, DORIVAL DE FREITAS;
DIR. DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A553	Andrade-Breust, Adriana Dantas. Itabuna : história e estórias / Adriana Dantas Andrade-Breust. - Ilhéus, Ba : Editus, 2003. 241p. : il. ; anexos. ISBN 857455062-0 Inclui bibliografia. 1. 1. Itabuna (Ba) - História. 2. Itabuna (Ba) - Descrições. I Título. CDD 981.426
------	--



À minha mãe, Maria de Lourdes Dantas Andrade - a verdadeira
contadora das histórias de Itabuna lá de casa -, pelo apoio, confiança e incentivo.
Ao meu marido, Jan-Thomas Breust, pelos mesmos motivos.
E mais, pelas constantes discussões, críticas e sugestões. Pela ajuda na colheita de
material literário, orientação e revisão.







Agradecimentos

Muitos costumam dizer que editar um livro é como “parir” um filho. Sempre achava estranha esta analogia, mas, hoje, entendo melhor o que a frase exprime.

A gente fica ali esperando o feto crescer, tomar formas, livrar-se da gente e ganhar vida própria. Felizmente, nesse meu período de gestação muita gente deu-me uma “mãozinha”.

Obrigada a todos que, ajudando-me a superar a distância de 8.000 km, responderam às minhas correspondências eletrônicas. A todos que dispuseram os arquivos fotográficos. Aos que se prontificaram a conceder as entrevistas. Aos que facilitaram o acesso às informações de cunho jornalístico, literário e acadêmico. Aos envolvidos na etapa de revisão e edição. Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, tomaram parte e acreditaram neste projeto.





APRESENTAÇÃO

Dois fatores biográficos poderiam, talvez, justificar a minha afinidade com a história de Itabuna. O primeiro deles são os laços familiares, visto ser descendente, tanto do lado paterno quanto materno, da primeira leva de imigrantes sergipanos que se fixou na região cacauceira. O segundo motivo é por demais pessoal. Morando há dez anos no exterior, sinto que a distância física vem contribuindo para o avigoramento dos vínculos emocionais, relacionados à minha cidade natal.

A concretização do presente livro foi um processo gradativo. Em 1987, como monitora do *Projeto Memória Cultural de Itabuna*, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tive o interesse despertado para a valorização e resgate da cultura popular e seus artistas. Visando ao atendimento dos estudantes, incentivando-os para a pesquisa da história da cidade, participei da elaboração do acervo do projeto, colecionando fotos, publicações jornalísticas e, principalmente, gravando (em fitas cassetes) entrevistas com os antigos moradores. Dando continuidade a essa experiência, criei, em 1991, a coluna semanal *Histórias e Estórias de Itabuna*, publicadas pelo jornal *Agora*, em que, intencionando a divulgação de antigas imagens e pequenas histórias, com base nas entrevistas orais dos antigos habitantes, tentei explorar situações pitorescas e, por vezes, engraçadas do passado da cidade.

Após ter fixado residência num país no qual até os pequenos lugarejos se preocupam extremamente com a sua história e notando que muitos deles têm séculos de existência, conscientizava-me da peculiaridade de uma cidade brasileira como Itabuna, tendo somente 93 anos de idade! Na minha opinião, é isso o que torna tudo interessante, pois

ainda estão vivas algumas pessoas que presenciaram as primeiras etapas da história itabunense. A vontade de republicar os artigos empoeirados, portanto, foi-se intensificando e, desde 98, voltei a entrevistar os moradores e integrar fontes antes negligenciadas, de modo mais detalhado do que as reportagens semanais.

Por várias razões, poder-se-ia dizer ser este um livro subjetivo. Primeiro, porque baseia-se sobretudo em entrevistas e depoimentos ligados ao meu interesse particular, portanto uma escolha temática arbitrária. Além disso, trata de assuntos e épocas variados, abrangendo aspectos da cidade desde o seu início e formação, como, por exemplo, a história dos bordéis nos idos da década de 1910, da feira-livre, do trem de ferro etc., até um período mais recente, como a destruição do Castelinho, no final da década de 1980, sem, contudo, obedecer a uma seqüência cronológica rígida dos fatos. As limitações e obstáculos com relação ao acesso a algumas informações, pessoas, acervos particulares etc., vieram também influenciar na escolha dos temas apresentados neste trabalho.

O meu objetivo maior é despertar o interesse pela história da nossa cidade. Assim, dedico *Itabuna: História e Estórias*, não exclusiva, mas particularmente à quarta, quinta e às tantas gerações que estão por vir...

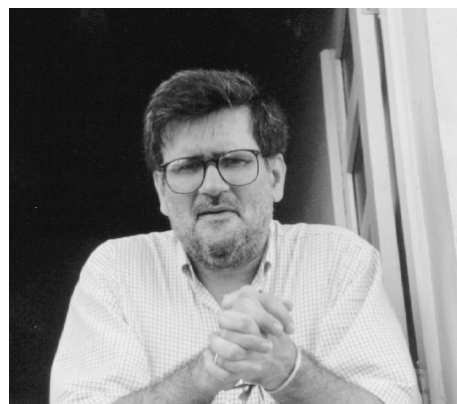
Sem mais delongas, desejo-lhes, como se diz aqui na Alemanha: *Viel Spaß!* Que quer dizer, nada mais nada menos que *bom divertimento!*

Adriana Dantas Andrade-Breust

O ENCONTRO COM MOACIR

Quando estava no processo de intensificação das minhas primeiras pesquisas, entrevistando a um e a outro, minha mãe sugeriu-me que fosse procurar Moacir Garcia de Menezes, afirmando ser ele uma fonte rica, já que muita coisa sabia sobre Itabuna. Após a minha constatação de que, nessa época, Moacir mal acabava de completar os seus trinta anos, definitivamente não levei muito a sério aquela indicação. De fato, estava mais preocupada com a autenticidade da história da cidade e tentava, ao máximo, estabelecer contatos com os moradores da terceira idade, para obter deles as suas próprias experiências. Logicamente, meu método de pesquisa era louvável. No entanto, sempre deparava-me com o problema da definição das datas, nomes completos das famílias antigas e seus descendentes, bem como o da identificação, através das fotos, de certos logradouros. Isso porque os moradores antigos já se haviam esquecido de muitos desses detalhes. Assim, o esclarecimento de qualquer dúvida custava-me um tempo enorme - fato nada incomum nos trabalhos de campo, em que as contradições dos depoimentos acabam sendo inevitáveis.

Já que os filhos só ouvem os conselhos dos pais um pouco tardiamente, a minha visita a Moacir não foi uma exceção. Finalmente, anos mais tarde, procedeu-se o nosso encontro. Ao contrário do que poderia esperar de um jovem de trinta e poucos anos, Moacir, já com muitos fios brancos de barba, timbre de voz marcante e compassado, camisa de manga comprida abotoada até a gola, óculos de modelo tradicional, postura e olhar sérios, notoriamente apresentava-se muito mais velho. Dentre as primeiras frases que trocamos, surgiu a pergunta sobre a origem da minha família. Ao constatar tratar-se dos Dantas e Andrade, Moacir pôs-se a compor duas grandes árvores genealógicas, acentuando a



Moacir Garcia de Menezes

história da vinda das tais famílias para a região. Em pouco menos de quinze minutos, descortinavam-se para mim informações às quais nunca tivera acesso, já que sobre os meus antepassados, com exceção dos avós, até então não ouvira uma referência sequer.

Foi assim que, ao aprofundar-me na história de Itabuna, reconheci ser Moacir uma “biblioteca ambulante”. Quando queria saber sobre uma família tradicional, ele me relatava a história, não só do patriarca e seus antecedentes, como também da esposa, dos filhos que tiveram, a história de cada filho e suas respectivas esposas e assim por diante. Quando queria obter dados sobre um estabelecimento público ou privado, através de fotos, ele me contava sobre sua construção e também sobre o fim que tal estabelecimento tivera, com uma precisão de fatos e nomes verdadeiramente incrível. Quando queria identificar pessoas nas fotos, então ele citava seus nomes completos, as cidades donde vieram e suas respectivas profissões. Quando perguntava pelo ano de tal acontecimento, ele me dava a data completa. Quando queria saber sobre a história de uma rua, descrevia-me detalhes de casa por casa. E quanto mais antiga fosse a história de Itabuna, mais especializado mostrava-se Moacir. Sem sombra de dúvidas, esses encontros deixavam-me surpreendida. Como era possível guardar tanta coisa na cabeça? E, além do mais, sem recorrer a nenhuma anotação? Ao ouvir os seus relatos tão precisos (quase sempre reconfirmados pelos antigos moradores), podia-se imaginar que o próprio Moacir havia presenciado os fatos narrados - suposição mais do que descartável, havendo ele nascido quando Itabuna já era cinquentona! Surgiam, portanto, as perguntas: desde quando, de quem ouviu e por que o interesse tão intenso sobre a história desta cidade? A esse respeito, conversei com d. Beatriz, a mãe de Moacir.

“Ao contrário dos meus outros dois filhos, Abelardo e Lícia, Moacir, desde pequeno, se mostrava diferente. Ele não se comportava como as crianças da sua idade. Sempre foi muito precoce e gostava muito de conversar com as pessoas idosas. A memória dele é uma coisa fabulosa. Aos três anos de idade, ajudava os irmãos mais velhos nos deveres da escola,

principalmente quando as matérias eram geografia e história. Todos ficavam surpreendidos com a perspicácia dele, pois conseguia decorar tudo o que ouvia. Já na matemática, era um desastre. Os médicos logo reconheceram o alto grau do QI de Moacir, mas, infelizmente, aqui em Itabuna, nunca houve escolas especializadas para crianças superdotadas, de maneira que, após várias tentativas com professores particulares, Moacir perdeu o gosto pelos estudos...”

Quanto à genialidade do filho, d. Beatriz acrescenta ainda que Moacir teria sido mais feliz se não tivesse essa capacidade intelectual. Por ser diferente, ele mesmo sente-se excluído do meio social. Ao contrário dos jovens de sua idade, não gosta de festas, futebol, é muito caseiro, gosta de ir à missa e não tem amigos de sua faixa etária. “O Moacir parece que viveu no tempo passado. Ele fala do avô, que nem conheceu, como se tivesse vivido com ele”- acrescenta d. Beatriz.

Com o interesse voltado para a história de Itabuna, em particular, e do nordeste brasileiro, em geral, Moacir, com apenas treze anos de idade, pôs-se a um intensivo trabalho de pesquisa sobre a origem da sua família paterna e materna. Através de entrevistas, laudas e cadastros históricos, bem como das revistas dos institutos genealógicos dos Estados de Sergipe, Bahia, Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, conseguiu tecer duas grandes árvores genealógicas, reunindo mais de 100 gerações. O trabalho, concluído em 1997, foi reunido em duas brochuras. Dentre os seus *hobbies*, estão ainda a coleção de fotografias e reportagens antigas, a pintura e os desenhos de *portraits* dos seus antepassados, desempenhados com dedicação.

Do nosso primeiro encontro, nasceram a amizade (acredito que sou a mascote do seu ciclo de amigos!) e um trabalho em conjunto que fomentou muito a concretização do presente livro. E por saber que esta publicação jamais teria sido possível sem a ajuda do amigo Moacir (o que, de forma alguma me dispensa da plena responsabilidade quanto à formulação do conteúdo de tais informações), é que venho, neste momento, prestar-lhe o meu sincero agradecimento.

Obrigadão, Moa, conseguimos!



ITABUNA 85 ANOS

Itabuna una catibiribuna serramatutuna farifirifuna!
eu te emendo com o meu remendo e te arremedo
tu me metes medo assim crescendo
tendo tantos belos muros quanto submundos
canto teu Cachoeira tão lindo se poluindo pra danar
cérebros de peixes! pedras pra se admirar
neste espelho vejo São Jorge Guerreiro no brilho da lua pra
te clarear
tens todos os santos que acalmam os prantos no Terreiro de
Oxalá
gosto de teu sorvete Danúbio que derrete em frutas diverso
paladar
e tens comida árabe lá no Mustafá
ABC da Noite no dia tem batida pra se embriagar
com papo palestra de Mestre Alencar
Oh! já não existe o Castelinho nem o Teatrinho ABC
tanto burburinho ninguém vai se esquecer [...]
As noites as luzes os montes teus becos teus cheiros!

(Ramon Vane)



RUAS: NOMES PRIMITIVOS E ATUAIS

dos Anjos - do Quartel Velho - Rui Barbosa
da Garapa - Domingo Lopes - Duque de Caxias
do Buri - Sete de Setembro - av. do Cinquentenário
da Lama - J. J. Seabra - av. do Cinquentenário
do Cemitério - Benjamin Constant - Ruffo Galvão
da Rancharia - Paulino Vieira
dos Tropeiros - Paulino Vieira
dos Sertanejos - das Laranjeiras - Paulino Vieira
da Jaqueira - Joaquim Nabuco - av. Fernando Cordier
Beira-Rio - Primeiro de Janeiro - Firmino Alves
dos Mascates - 28 de Julho - Francisco Ribeiro Júnior
Taboquinhas - Barão do Rio Branco
da Olaria - 25 de Março - av. Inácio Tosta Filho
da Estação - da Misericórdia - Antônio Muniz
da Linha - av. Ilhéus
do Zinco - Floriano Peixoto
da Areia - Miguel Calmon
25 de Agosto - Lafayette de Borborema
da Lasca - Armando Freire
de Manoel Cidade - Princesa Leopoldina - Maria Olívia
Rebouças
Marechal Rondon - São Vicente de Paula





PRAÇAS

Camacã - Otávio Mangabeira
Jardim do Ó - José de Almeida Alcântara
da Matriz - Olinto Leone
Arlindo Leone - Adami
Boa Vista - Getúlio Vargas - Otaciana Pinto
Tiradentes - Maria Laura Conceição
da Gameleira - João Pessoa - José Bastos
Santo Antônio





SUMÁRIO

CAPÍTULO I

ASPECTOS DA VIDA SOCIAL

LEMBRANÇAS APAIXONADAS DO MEU <i>PIERROT</i>	27
<i>AS TOADAS DOS TURUNAS</i>	30
<i>MARIA ROSA, MULHER RENDEIRA, NÃO VEM DE CANAVIEIRAS!</i>	32
<i>OS CASADOS L... RESPONSÁVEIS</i>	33
ESPELHO, ESPELHO MEU	37
<i>OLÍVIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS</i>	42
OS ENCANTOS DA SÉTIMA ARTE	47
DO REPORTERESSO AO BOM DIA PRA VOCÊ: O ADVENTO DA RADIODIFUSÃO	55
TÍTIO BRANDÃO COMUNICANDO	59
<i>A SAPOTI DE ITABUNA</i>	64
LOURDES RODRIGUES E FLORENTINA JERIMUM: AS ESTRELAS DA DIFUSORA	66
ROMILTON SANTOS: <i>O ARRAIÁ DA BURUNDANGA</i> E A DUPLA <i>MARTELO E MARTELIN</i>	70
A DAMA DO TEATRO ITABUNENSE	77
A VIDA CURTA DO <i>TEATRINHO ABC</i>	82
<i>SIC E CIA</i>	84
E AÍ, CANDINHA?	86
O PRAZER É TODO SEU	89
SEXTA-FEIRA É DIA DE FEIRA?	95

CAPÍTULO II

ASPECTOS URBANÍSTICOS, ARQUITETÔNICOS E MEIOS DE TRANSPORTE

ANTES AS TRILHAS DE BOIS, DEPOIS AS TRILHAS DE FERRO	107
CONQUISTA FERRENHA: A ESTRADA DE FERRO ILHÉUS-CONQUISTA	109
BRITANICAMENTE PONTUAIS?	114
O TREM DE FERRO JÁ CHEGOU! O TREM DE FERRO APITOU!	115
PARTIDA SEM DESPEDIDA	119
AUTO-MÓVEIS!	123
SE MEU <i>OLDSMOBILE</i> FALASSE (...)	123
CAMPO DE POUSO CORONÉ TERÇO	127
O PADROEIRO SÃO JOSÉ NA BUSCA DE UMA MATRIZ PARA MORAR	131
DE COMO OS ESCOMBROS DA MATRIZ FORAM PARAR NUM ARMAZÉM DE CACAU	132
SONHANDO COM SÃO JOSÉ	133
INAUGURAÇÃO SEM FESTA	136
DONA SENHORA, SENHORINHA, SENHORÃO	136
ONDE FORAM PARAR AS RIQUEZAS DA MATRIZ?	138
AVENIDA (DO) CINQUENTENÁRIO	141
ENTRE MURROS E XINGAMENTOS	142
AS BODAS DE OURO DA JOVEM ÍTABUNA	143
O CASTELINHO	149

CAPÍTULO III

PERSONALIDADES E ARTISTAS POPULARES

MINELVINO E A LITERATURA DE CORDEL	155
O CANTO DO AZULÃO	161
VAVÁ DOS OITO BAIXOS	169
QUARENTA ANOS DE PIPOCA	175
TARZAN, O REI DO RINGUE	179

<i>JUCA ALFAIATE: VESTINDO A CAMISA, COSTURANDO O CAMPO, MEDINDO O GOL, ARREMATANDO A JOGADA E EXPERIMENTANDO A VITÓRIA</i>	187
<i>O FUXICO NO ABC DO ALENCAR OU A NOITE NO BECO DO CABOCLO</i>	195
CAPÍTULO IV	
ITABUNA E SUAS LOUCURAS	
<i>JEEP</i>	201
<i>PAPAI NOEL</i>	205
<i>PASTA PURA - ARRANJA OU PENACHO? - SÓCIA</i>	209
CAPÍTULO V	
AS GRANDES ENCHENTES DO RIO CACHOEIRA	
<i>DESVENTURAS DO CACHOEIRA</i>	221
<i>ANEXOS</i>	227
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	233
<i>ENTREVISTADOS</i>	237